

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A SOCIEDADE DA REIFICAÇÃO E O FETICHE DA MORTE SIMBÓLICA: A MANIPULAÇÃO DO CAPITAL NA SOCIEDADE DO MITO DE SÍSIFO

Vicente José Barreto Guimarães¹

RESUMO

O objeto deste artigo é compreender o capital em sua fase manipulatória, que se estabeleceu ao longo da década de 1960 até dos dias atuais. Esse projeto culmina e aprofunda a captura da subjetividade da classe trabalhadora, com o objetivo da subsunção do sujeito revolucionário ao capital, quando “decreta” a morte desse sujeito. Estaríamos agora em um mundo marcado pelo desânimo, pela presença de um sujeito que deixa de ser o portador da revolução (classe trabalhadora) para a constituição de um sujeito da preocupação. Esse sujeito preocupado, na sociedade irracional, torna forma Sísifo empreendedor, perdido em seu mar de fel, isolado, angustiado por uma condição que parece ser definitiva e imutável. Para esse trabalho, a base teórica se pauta em Lukács, Mészáros, Kosik, Marx e Dosse entre outros. É uma pesquisa teórica. Nesse sentido, as conclusões do objeto estudado, aponta para a necessidade urgente de uma luta que retome a unidade e a organização da classe trabalhadora, ou seja, retomar as lutas contra o capital. Como fazer é a grande pergunta que necessita de uma resposta, é o desafio de nossos dias, tanto do ponto de vista da classe trabalhadora como da esquerda.

Palavras Chave: Irracionalismo, Capital, Estranhamento

ABSTRACT

Keywords: Irrationalism, Capital, Estrangement

The object of this article is to understand capital in its manipulative phase, which was established throughout the 1960s until the present day. This project culminates and deepens the capture of the subjectivity of the working class, with the objective of subsuming the revolutionary subject to capital, when it “decrees” the death of this subject. We would now be in a world marked by discouragement, by the presence of a subject who ceases to be the bearer of the revolution (working class) to the constitution of a subject of concern. This worried subject, in irrational society, makes Sisyphus an entrepreneur, lost in his sea of gall, isolated, anguished by a condition that seems to be definitive and immutable. For this work, the theoretical basis is based on Lukács, Mészáros, Kosik, Marx and Dosse, among others. It is a theoretical research. In this sense, the conclusions of the object studied, point to the urgent need for a struggle that resumes the unity and organization of the working class, that is, to resume the struggles against capital. How to do it is the big question that needs an answer, it is the challenge of our days, both from the point of view of the working class and the left.

¹ Docente da Universidade Estadual de Alagoas – Campus I (UNEAL) – Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Líder do Grupo de Pesquisa Lukács – Irracionalismo e Capital; Vicente.guimaraes@uneal.edu.br.

PROMOÇÃO



APOIO



1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é refletir como o mito de Sísifo se faz presente hoje na sociedade contemporânea, marcada por uma profunda crise estrutural do capital, que aponta para o caos do modelo civilizatório. Em uma sociedade marcada por um processo de coisificação do humano, vamos nos transformando em homens e mulheres estranhados (as), a vida é estranha; parece que passamos a viver em um mundo desconexo, ininteligível, guiado por entidades sufocantes, as quais escapam nossa compreensão e nossa possibilidade de ruptura. E assim, a grande ilusão de que um dia tudo pode ser diferente, que tudo pode ser alterado mediante o esforço de cada indivíduo em seu caminhar isolado.

Sísifo, em tempos contemporâneos se faz presente na figura do “empreendedor”, o sujeito que luta bravamente por seus objetivos, que deve ser incansável diante de seus sonhos, que pode atingir tudo que deseja, basta trabalhar, basta ir à luta. Mas essa luta é sempre de caráter individual, egoísta, é a luta de todos contra todos. Assim, Sísifo Empreendedor se perde em seu labirinto particular, em sua vida marcadamente ilusória, onde o outro não passa de uma mera representação mental, que passa a existir na medida da necessidade de Sísifo.

Esse mundo desconexo de Sísifo Empreendedor é um mundo onde os outros Sísifos Empreendedores, no qual nos transformamos, são todos entusiastas de lutas descentradas, chegando a ser anárquicas; é a pauta da possessividade individualizada. No labirinto da vida cotidiana, os Sísifos Empreendedores perdidos cada um em suas múltiplas empreitadas, se desconectam da essência do real, passam a viver dentro do que percebe, e, assim, não conseguem ir além do imediato das reais condições materiais e subjetivas que os levam a tornarem-se Sísifos Empreendedores.

Ademais, uma sociedade produzida para ser desconecta para uma grande parcela da humanidade (proletariado), permite que uma pequena parcela desta humanidade, possa deter o poder econômico, político e social. Assim, a Burguesia foi produzindo, historicamente, as condições objetivas e subjetivas, que atendessem as suas necessidades.

Para obtenção dos resultados deste artigo foi utilizado na metodologia bibliográfica, e da minha tese de doutorado. A partir desta pesquisa foi selecionada as seguintes categorias, que

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

foram importantes para o estabelecimento desta discussão: Reificação, Estranhamento, Vida Cotidiana, Fetichismo, que permitiu compreender o movimento do real, tendo como referência as condições materiais de existência de homens e mulheres no contexto da sociedade do capital manipulatório, que vem promovendo ao longo de sua história o aprofundamento de um mundo marcado pelo irracionalismo, agora em sua versão pós-moderna. Os autores que deram suporte a esse trabalho foram: Marx, Lukács, Kosik, Coutinho, entre outros.

2 A SOCIEDADE DA MERCADORIA E A MERCADORIA DA SOCIEDADE

A sociedade capitalista, ao longo de sua história, vem aprofundando um marco civilizatório, que nos últimos décadas uma crise de ordem estrutural, que aproxima o sistema burguês de seus limites absolutos, segundo Mészáros (2002), na medida em que a crise agora se apresenta em seu caráter planetário, rastejante, não possibilitando ao capital, com toda a sua dinâmica, resolver seus conflitos e suas contradições que vem se aprofundando.

Diante desse cenário, o caráter fantasmagórico, fetichizante e reificado, que o mundo burguês produziu e produz, tem um caráter de fundamental importância, na medida, que transforma o mundo em um mundo aparentemente de “coisas que se relacionam com coisas”. Estamos no contexto histórico onde as determinações objetivas, expressas na vida cotidiana, mediação pela mercadoria e consumada no grande fetiche do dinheiro, passou mais que nunca a ocupar de forma intensa e planetária a vida sem sentido de homens e mulheres, se tornam Sísifos empreendedores. A existência humana, na dinâmica do capital, que tem a burguesia como sua classe dominante, pontua o fim da emancipação humana, não se pode mais fazer grandes transformações, os ventos revolucionários passaram e não voltam mais. O que resta é a resignação, a transgressão como um “ato revolucionário”, de movimentos sociais perdidos nas suas lutas identitárias e defendendo seus lacais de fala. O hiato, entre tudo parece se estabelecer e criar um pseudo objetividade, uma pseudo vida, que se determina por si só. Não se pode mais explicar o mundo, agora vivemos o mundo dos fragmentados, da esquizofrenia, da overdose, onde o fetichismo da mercadoria com o uso da tecnologia e o império da imagem, da aparência se intensifica de forma nunca visto antes na humanidade. O que resta? Qual a relação de todo esse mundo fantasmagórico com a problemática da mercadoria?

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

A sociedade da burguesia, necessita para manter sua ordem, transformar o humano, é mera mercadoria, em coisa em si. Necessita, captura a subjetividade da classe trabalhadora em um mundo povoado por coisas que se relacionam entre si. O mundo onde as relações humanas, se pulveriza no ato do consumo. Marx (2013) em sua obra *O Capital* livro I, inicia o capítulo sobre a mercadoria fazendo a seguinte afirmação:

a riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma “enorme coleção de mercadorias”, e a mercadoria individual como sua forma elementar. A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio e suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades – se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação – não altera em nada a questão. Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidades humana, se diretamente, como meio de subsistência [*Lebensmittel*], isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção (MARX, 2013, p. 113).

Na citação acima, Marx (2013) fez referência a produção de coisas que são resultado sempre de uma ação histórica dos indivíduos, para atender suas mais diversas necessidades. Portanto, as coisas passam a assumir determinado tipo de valor, assim como o valor de uso. Esse valor de uso, que se expressa nas coisas, não apresenta nenhum elemento metafísico ou fantasmagórico. É valor de uso, é decorrente da materialidade da coisa em si a ser transformada pela ação dos sujeitos, com a finalidade de atender suas necessidades. É fundamental ressaltar aqui, que o trabalho humano, implica em uma forma social de produção da existência, portanto, uma forma social de produção de mercadorias. Visto que, na exata medida que se estabelece o valor de troca, se faz um processo de inversão da relação do homem, com aquilo que é resultado do trabalho, o produto ou a mercadoria. Esse processo de inversão, define o caráter metafísico ou fantasmagórico da mercadoria e de seu ente principal o dinheiro.

Para apreender essa relação fantasmagórica da mercadoria e o ente dinheiro como o verdadeiro Deus da sociedade contemporânea, podemos a princípio fazer uma analogia a Plantão, quando faz a divisão do mundo sensível e suprassensível. O mundo sensível é marcado pelo dinheiro, e mundo suprassensível, encontra a substância o “valor” substância essencial a todo o processo, que por sua vez encontra-se interconectada a potência máxima humana, que é o ato alto criativa de todo ser humano, o trabalho. Compreendendo desta forma, pode-se apreender as conexões que se estabelece sobre o fetiche da mercadoria.

PROMOÇÃO



APOIO





Segundo Marx (2013):

Uma mercadoria aparenta ser, à primeira vista, uma coisa óbvia, trivial. Sua análise resulta em que ela é uma coisa muito intrincada, plena de sutilezas metafísicas e melindres teológicos. Quando é valor de uso, nela não há nada de misterioso, que eu a considere do ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas por meio de suas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem, por meio de sua atividade, altera as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. No entanto, a mesa continua sendo madeira, uma coisa sensível e banal (MARX, 2013, p.146).

Ainda sobre o fetiche da mercadoria, Marx (2013), colocou:

Mas tão logo, aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa sensível-suprassensível. Ela não só se mantém como os pés no chão, mas põe-se de cabeça para baixo diante de todas as outras mercadorias, e em sua cabeça de madeira nascem minhocas que nos assombram muito mais do que se ela começasse a dançar por vontade própria. O caráter místico da mercadoria não resulta, portanto, de seu valor de uso. Tampouco resulta do conteúdo das determinações de valor, pois em primeiro lugar, por mais distinto que possam ser os trabalhos úteis ou as atividades produtivas, é uma verdade fisiológica que eles constituem funções do organismo humano e que cada uma dessas funções, seja qual for seu conteúdo e sua forma, é essencialmente dispêndio de cérebro, nervos, músculos e órgãos sensoriais humanos etc. (MARX, 2013, p. 146-147).

E mais adiante em *O Capital*, Marx (2013), afirmou:

Desse modo, para encontramos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo da religião. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo elas são produzidas como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias (MARX, 2013, p.147-148).

A sociedade contemporânea, chamada de “pós-moderna”, “pós-industrial”, simplesmente “pós” qualquer abjetivo, é na realidade, a sociedade na sua mais intensa e frequência planetária do ente do dinheiro. O dinheiro, é o simulacro, é o Deus de todos os Deuses. É o grande senhor que em um primeiro momento, parece deslocado de sua condição meramente material, produzida pelo agir dos homens.

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Esse sentido fantasmagórico do dinheiro, como algo que se sobre põe as relações sociais, e por estar “sobre” as relações humanas, torna-se elemento de mediação da própria existência de um mundo marcado por Sísifos empreendedores.

Sísifos empreendedores, é a representação de como homens e mulheres, formados em suas personalidades, pela via do ente dinheiro, torna-se a eles mesmos mera representação de uma “segunda natureza”, onde a “personalidade única” e distante de todas as outras, assume seu papel ativo/passivo de sua própria transformação em coisa. Sísifo empreendedor, é a reificação, é a personalidade única e estranhada, que pensa na lógica do mercado, que é expressão do mercado, que é a si mesmo, a versão da imagem e semelhança da mercadoria, e que não se chega a “verdade, a luz e o caminho”, se não pela via do “dinheiro”.

Essa inversão, que dar-se a sensação de uma “liberdade” de se buscar a essência da vida, é a grande “vitória” da ordem burguesa. Como uma ordem metafísica, o ser humano, seria um mero grão de areia perdido ao balanço do vento em uma praia paradisíaca, que vai para onde o vento o leva. Diante dessa impossibilidade frente a essa ordem metafísica, o que resta? A resignação diante de um mundo que não se pode nem mesmo agora explicar ou conhecer, onde tudo é efêmero, volátil, na ordem do capital financeiro. O desumanamente humano, é a expressão de Sísifo empreendedor, perdido em sua própria pedra, resignado ao grande Deus do capital. Essa é a grande farsa que se faz necessário lutar, romper, esse é o *desafio e o fardo do tempo histórico*, parafraseando uma obra de Mészáros (2007).

Nessa mesma obra Mészáros (2007), explicitou:

Entretanto, se reconhecemos o modo como o capital domina o processo de reprodução social em todos os lugares, cumpre reconhecemos também que ele é estruturalmente incapaz de resolver seus problemas e contradições. Onde quer que olhemos, perceberemos que aquilo que parece ser – e é sonoramente propagandeado como – uma sólida solução douradora, mais cedo ou mais tarde desfaz-se em pó (MÉSZÁROS, 2007, p.77).

Esse é o grande desafio histórico de nosso tempo, apreender como o grande “Deus” do capital, é uma criação humana, e como tal pode ser rompido. O que nos coloca diante da pergunta de Lenin, o que fazer? Como fazer? Diante de um tempo tão complexamente contrarrevolucionário e com uma subjetividade rebaixada? Essa é a pergunta que não quer calar e não pode calar, afinal a burguesia e o capital, de nada tem de metafísico ou fantasmagórico,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



pelo contrário decorrem do agir dos próprios homens, se chegamos até aqui se pode em algum momento romper com essa ordem social e histórica posta.

3. A SOCIEDADE REIFICADA E ESTRANHA: O HUMANO PRECUPADO

Tornar-se coisa, e constituir relações entre coisas, é em última instância, produzir o ser humano plenamente preocupado. Partindo de Antunes (2018) em sua obra *Marx e o fetiche da mercadoria – contribuições à crítica da metafísica*, afirmou que:

Deste modo, o amor e a confiança religiosa em Deus da crença cristã se convertem, como o capitalismo, em amor e confiança no Dinheiro. Como coisa, o Logos, o Deus da comunidade, pode, agora, ser acumulado e guardado como peça metálica privada no bolso de cada indivíduo. Apegar-se ao Dinheiro, tem por isso, agora, sua equivalência no apego e no amor a Deus (ANTUNES, 2018, p. 228).

De que substância se constitui a personalidade única de Sísifo empreendedor na dinâmica do capital? Como essa substância fantasmagórica dar-se no contexto da vida cotidiana de Sísifo?

Segundo Antunes (2018):

O mesmo fenômeno misterioso ocorre no mundo da mercadoria. Na metafísica da mercadoria, o valor aparece como a verdadeira substância e essência genérica do mundo. Abaixo dele vem o dinheiro, como o espelho visível desta substância. Abaixo do dinheiro vêm a mercadoria e o valor-de-uso, como as formas imperfeitas e falsas do dinheiro. Abaixo da mercadoria vêm o homem e a natureza, como falsas essências do mundo. Nesta Metafísica, portanto, o dinheiro possui mais valor e verdade do que a mercadoria, e a mercadoria mais do que os homens e a natureza (ANTUNES, 2018, p.2300).

É sobre essa base, que a “segunda natureza” ou a “substância pura”, torna-se a base para a personalidade única, que é marcada por uma natureza individualizada, forjada da processualidade social e histórica a qual ela se constitui. Nesse sentido, se faz necessário mais que nunca a presença de um mundo onde Sísifo empreendedor preso ao mundo sensível, imediato torna-se um mero homem essencialmente preocupado, onde seu objetivo de vida é atingir o mundo suprassensível do dinheiro, que em última instância é a representação pura do espectador passivo de sua própria desumanização.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Segundo Kosik (1976) no seu livro *Dialética do concreto*, define o homem preocupado como:

Desde que neste mundo fenomênico da “preocupação” vive no Séc. XX tanto o operário como o capitalista, poder-se-ia pensar que a filosofia deste mesmo mundo deveria ser mais universal que a filosofia da práxis humana. Esta pretensa universalidade deriva de que se trata da filosofia da práxis mistificada, de uma práxis que não se apresenta como atividade humana transformadora, mas como manipulação de coisas e homens. O homem como “preocupação” não apenas “jogado” no mundo, que já existe como realidade pronta e acabada; ele se move neste mundo, que é criação humana, como em um conjunto de aparelhos que ele é capaz de manejar sem ter de conhecer o verdadeiro movimento deles e a verdade do ser deles. O homem como “preocupação” no seu “assumir a ‘preocupação’”, maneja o telefone, a televisão, o elevador, o automóvel, o bonde, porém mesmo ao manejá-los não se dá conta da realidade técnica e do sentido desses aparelhos (KOSIK, 1976, p. 77).

A palavra preocupação deriva do latim *praeoccupatio*, *ōnis* 'ocupação prévia (de um lugar). A palavra remete, também perda do sossego, causada pelo sentimento de responsabilidade em relação a alguma coisa. Seu sinônimo seria: obsessão, cuidado, inquietude. Portanto, o ser humano preocupado, não teria “tempo” para pensar para além do local que ocupa no contexto da sociabilidade burguesa. Todo o tempo de sua vida reflete e refrata, a busca para sobreviver, para trabalhar, sua vida é o trabalho, tudo passa a girar em ter que obter algo, até a ilusão de que seu esforço pode levar a algum lugar. É uma vida sem sossego, obcecada pelo dinheiro.

O dinheiro é a fonte da felicidade, da melhor condição de vida, da aparência sem lite na vitrine do espetáculo. O que define uma pessoa nesse contexto, é aquilo que aparenta ter, mesmo que não passe de uma mera imagem que não condiz com o real. O grande “valor” burguês do dinheiro, do mundo das coisas, é a tônica da aparente universalidade da sociedade contemporânea, que necessita produzir, uma vida onde o seu sentido maior é a preocupação do humano urbano, que corre de um lado para outro, que vive uma vida estressante, que se torna um trabalhado uberizado, mas que se torna seu próprio “patrão”.

Na posição de Sísifo empreendedor, necessita estar em todo lugar ao mesmo tempo, conectado, não pode perder nenhuma oportunidade, tudo passa a ser pensando como um negócio. E na dinâmica de um Sísifo empreendedor e preocupado, vai colocando sob sua pela

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



mascaras, e mascarar que se torna quase uma “segunda natureza”. Sobre essa questão Kosik (1976), asseverou que:

A dimensão temporal e o existir do homem como existir no tempo se revelam na “preocupação”, como futuro fetichizado e como temporalidade compreendida de modo fetichista: o presente para a “preocupação”, não é a autêntica existência, o “ser-presente”, mas o átomo, o instante, porquanto a “preocupação” em relação ao presente, já se encontra mais além. Na “preocupação” não se revela a autêntica natureza do tempo humano. O futuro por si mesmo não é superamento do romantismo ou da alienação. Sob um certo aspecto o futuro é, afinal, o átomo alienado antes alienação, isto é, um superamento ilusório da alienação. “viver no futuro” e “antecipar” significam em certo sentido, negar a vida; o indivíduo como “preocupação” não vive o presente, mas o futuro; negando aquilo que existe e antecipando aquilo que não existe, reduz a sua vida à nulidade, vale dizer à inautenticidade (KOSIK, 1976, p.78-79).

A vida no contexto da sociabilidade burguesa, é a vida sem tempo, visto que o tempo de vinte quatro horas, não suporta tanta coisa para se fazer. A vida é um completo ato inacabado, que precisa ser vivido e sentido na subjetividade de cada Sísifo empreendedor e preocupado. É a vida que se vive um presente na busca da confirmação de um futuro que não existe, é a antecipação de um futuro abstrato, que dar-se na ilusão de um mundo estranhado e estranho a cada homem e a cada mulher. A vida parece uma sala de cinema, onde o telespectador apenas olha, interage na medida do possível, o filme acaba e tudo segue, no mundo sensível, onde a substância pura o valor em seu sentido burguês deve ser o valor universal de todos e para todos.

Aqui cabe ressaltar, que todo esse irracionalismo em sua versão “pós-moderna” afetou em afeta o sujeito revolucionário, a classe proletária, que se encontra em movimento com certeza, mas também permeadas de grandes incertezas no seu cotidiano. Esse cenário aponta em seu sentido mais fenomênico para a morte o sujeito revolucionário, mas na exata medida do seu contrário, aponta para a urgência da presença desse sujeito revolucionário e a luta contra o capital. Como retoma essa luta como uma bandeira unificada e não distorcida e estranha, é a grande questão.

PROMOÇÃO



APOIO

4. O FETICHE DA MORTE SIMBÓLICA EM TEMPOS DA PERSONALIDADE ÚNICA

A personalidade se forma no contexto histórico, social e afetivo. Portanto, a personalidade é resultado, das vivências que nos torna singular, mas sempre dentro de um espaço social. Nossas afetividades, nossos conflitos interno e externo é decorrente de nossa relação com outro. O sujeito se faz singular sempre a partir do outro, desenvolvimento nossas funções psíquicas superiores, segundo Vigotsky (2009), tais como, linguagem, memória, pensamento, percepção nas relações sociais. Portanto, tudo que encontra no interior de nossa consciência é sempre resultado de nossa apropriação do mundo, o reflexo do mundo sobre a consciência.

Mas no contexto da sociedade reificada e estranhada, a personalidade é formada ou deformada, para aparecer ser de uma natureza tão única, tão diferente, que não basta ter digitais e caracteres hereditárias que já nos dar uma “singularidade natural”, é necessário sermos únicos e diferentes como seres humanos entre si. A personalidade de Sísifo empreendedor e preocupado, é do tipo única. A sociedade do capital necessita criar hiatos, diferenças para estabelecer sua unidade e sua hegemonia. O ser humano, passaria e ser responsável de forma integral pelo que ele é, isso exige as condições objetivas donde se forma essa personalidade única.

Sendo, assim o indivíduo seria resultado do seu projeto e existiria na exata medida em que fosse se realizado. O ser humano passa, a se confrontar com todas as suas angústias, seus medos, seus sentimentos mais sórdidos, e percebe que se encontra em um beco aparentemente sem saída, quando pensa que encontrou a saída, percebe que não seio do lugar, como se andasse dentro de um labirinto.

Essa ideia de um beco sem saída, remete ao irracionalismo em sua versão pós-moderna, na medida em que o ser humano, perdeu a possibilidade de conhecer o seu mundo e de explicá-lo, se perdeu em seus fantasmas persecutórios. A saída agora é abstrata e depende de que a olha e a explica, não existe uma saída, todas as saídas agora existem, e se descobre que leva ao mesmo caminho, ao “vazio”.

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Sendo, assim o pessimismo, o alto grau de relativismo, a morte do universal, da verdade, a não existência da metanarrativa, possibilita uma vida fragmentada, uma pseudo realidade. O mundo do existencialismo, da pós-modernidade condena o humano a sua própria sorte. Amargurado, abandonado por um Deus que ligou o relógio do tempo e deu as costas a seus filhos.

Segundo Dosse (2021, p29) em sua obra *A saga dos intelectuais franceses 1944-1989* volume I afirmou que: “Sartre e Camus exprimem a própria angústia diante da marcha do mundo e da incapacidade do indivíduo frente às forças mortíferas, independentemente de emanarem da finitude da condição humana ou do destino trágico das nações”. O predomínio do irracionalismo pós-moderno, amplia, intensifica todo o processo de estranhamento do ser em si, o impacta sua personalidade única e preocupada. Em uma outra obra intitulada *História do estruturalismo: O campo do signo, 1945-1966* Volume I Dosse (2018) aponta para um tempo da compulsão de repetição.

O pós-modernismo instaura uma relação com a história que pode ser assimilada à um indivíduo senil que só pode colecionar suas lembranças, cortado que está para sempre de toda possibilidade de projetos futuros. O sucesso do estruturalismo corresponde, portanto, a um fenômeno global de civilização, e cumpre referi-lo ao estabelecimento de uma sociedade tecnocrática quanto a esse homem unidimensional que Herbert Marcuse vai nascer e a uma reificação do homem reduzido à sua dimensão de consumidor. O estruturalismo é, a esse respeito, sem que seja redutível a isso, a ideologia das não ideologias, a fim das ideologias revolucionárias, coloniais e cristãs ... Esse aspecto é, contudo, nos anos 1960, o não dito, o não consciente de transformação profundas que se revelarão transparentes nos anos de 1980 e reivindicadas em sua positividade. Esse processo de pacificação, esse fim das rupturas significantes encerram o presente em si mesmo e fazem dominar o sentimento de repetição incessante, sociedade em que “o novo é acolhido como o antigo, em que a inovação é banalizada” (DOSSE, 2018, p. 491-492).

Os tempos do hoje, com seu caráter dos grandes processos tecnológicos, do capital financeiro, sua volatilidade com as bolsas de valores, com um mundo sem fronteiras com a Internet, tudo que se achava que era solido se desmancha no ar, como afirmou Marx (2009). E esse desmanchar no ar, na essência é o velho ou antigo que se apresenta com novas nuances, novas particularidades de um tempo do espetáculo vazio, de uma cultura da mera forma, onde o conteúdo em si a própria forma.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A era do vazio, é a mais pura verdade, o grande projeto da burguesia, produzir uma desorientação, o caos, assim como perguntou Lukács, por que a burguesia precisa do desespero? Por que é no desespero da grande maioria, ou tendo uma especificidade, é no desespero da classe proletária, que a burguesia, produz seu sossego, sua riqueza, é retirando tudo, o corpo, a subjetividade do sujeito revolucionário que desde 1848 vem colocando sobre a pele deste sujeito uma “segunda natureza”, que se caracteriza pela imersão no mar cheio de fel, sob a luz do empreendedorismo. Sísifo com sua pedra isolado dos outros Sísifos, preocupado, preso unicamente o mundo da necessidade, não teria como pensar no reino da liberdade. Assim, como explicitou Dosse (2018) se prende aparentemente o ser humano, em uma história que não passa de uma mera repetição intencional, posta para se transformar na máxima de todas as verdades, se é que pode falar de verdade em um mundo que a nega, mas que em sua essência cria uma verdade que pode ser chamada de “pós-modernidade”.

Portanto, a sociedade contemporânea dos “lugares de fala”, das lutas identitárias, da negação da metanarrativa, do universal, da transgressão como ato revolucionário, da pluralidade, é na prática com algumas particularidades, a repetição do velho sob o signo do “novo”, dos “pós”. O mundo do capital financeiro pode ser tudo, só não pode deixar sua verdadeira essência, seu valor máximo, onde tanto os próprios seres humanos como a natureza são secundarizados. Esse é o papel histórico da burguesia, fazer cumprir a ela mesma em si.

Sobre o processo do mundo “pós” se cria a ideia fetichista de uma vida onde tudo pode, como se tudo pudesse ser resolvido no toque de um dedo no teclado ou na tela de um *smartfone*. Esse fetiche da “vida”, é o fetiche da vida reificada e estranhada, sua essência encontra-se na “morte simbólica”, como saída ao ser consumidor, ao ser espectador, a Sísifo empreendedor e preocupado.

Segundo Lukács, (1979):

É aqui que encontramos o elemento mais importante da ideologia irracionalista: transformar, mistificando-a, a condição do homem do capitalismo imperialista em uma condição humana geral e universal. O cumprimento desta tarefa exige um desdobramento do método. Tudo que é social, racional e conforme às leis da evolução será declarado inumano e inimigo da personalidade. A personalidade será declarada antirracional por sua própria natureza (LUKÁCS, 1979, 57).

PROMOÇÃO



APOIO



Dentro deste contexto, foi ao longo do tempo, produzindo uma personalidade única, deformada, que se reveste dessa “segunda natureza”, que deve torna-se em parti integrante da essência humana. Portanto, sobre esse ponto, Lukács (1979), asseverou que:

O indivíduo é, portanto, finalmente obrigado a se colocar a seguinte questão: como dar sentido à minha existência? O homem que vive num mundo fetichizado ignora que a riqueza, o valor e o conteúdo verdadeiro de sua existência encontram-se em ramificações numerosas e profundas que ligam à existência de seus semelhantes e à sociedade. O indivíduo isolado e egocêntrico que vive só para si, vive num mundo empobrecido. Quanto mais suas experiências pertencem-lhe exclusivamente, mais são exclusivamente interiores e mais correm o risco de perder todo conteúdo e de se perder no nada (LUKÁCS, 1979, p.78).

É neste sentido, acima exposto na citação de Lukács (1979), que se desenvolve o fetiche da “morte simbólica” na sociedade de Sísifo empreendedor, como um ser humano preocupado, marcado por uma personalidade única, que se fundamenta na dinâmica do capital, agora em proporções planetárias na versão financerizada da chamada “sociedade pós-moderna”. O valor da sociedade financeira das bolsas de valores, ou também da “bolsa de valores da vida”, é pautada por personalidade isolada, mesmo quando em contado com o mundo, via suas redes sociais, é expressão de um egocentrismo.

Tal condição subjetiva tem seus sustentáculos no mundo do capital financeiro, que necessita produzir uma ser humano fugaz, portanto, efêmero de se mesmo. Para Alea (1984): “O homem, reduzido momentaneamente à condição de espectador, contempla um fenômeno peculiar cujos traços característicos apontam para o insólito, o extraordinário, o excepcional, o fora do comum (ALEA, 1984, p.47).

Portanto, ao fetiche da “morte simbólica” é a produção histórica desta personalidade única e perdida em si mesmo, que sob o olha de preocupação de sua existência mais imediata, não apreende esse imediato para além do que aparece. É O fetiche da “morte simbólica”, visto que ser Sísifo empreendedor, com uma personalidade única e preocupada, não percebe a processualidade da sua própria existência, se perde no labirinto do seu mundo particular.

PROMOÇÃO



APOIO



5 CONCLUSÃO

Na obra *Ideologia Alemã* Marx e Engels (2009), esboçaram:

A produção das ideias, das representações, da consciência está em princípio diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens, linguagem da vida real. O representar, o pensar, intercâmbio espiritual dos homens aparece aqui ainda como direta exsudação [*direkter Ausflub*] do seu comportamento material. Os homens são os produtores de suas representações, ideias etc., mas os homens reais, os homens que realizam [*die wirklichen, wirkenden Menschen*] etc., tal como se encontram condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelas relações [Verkehrs] que a estas corresponde até as suas forças mais avançadas (MARX e ENGELES, 2009, p.31).

O pessimismo, o descreditar na possibilidade que o mundo pode ser alterado, que tudo que é produzido, pelo ser humano, é artificial, é, portanto, social, não tendo nada de fantasmagórico, imutável. Romper com essa farsa histórica, com esse fardo do tempo histórico hoje, é retomar o caminho de volta a classe proletária, sua luta contra a ordem do capital. Esse é ser um dos problemas mais urgentes e necessários, retomar a luta contra o capital, e não com o capital. O que fazer? E como fazer?

6 REFERÊNCIAS

- ALEA, T. G. **Dialética do espectador**. São Paulo: Editora Summus, 1984.
- ANTUNES, J. **Marx e o fetiche da mercadoria**: contribuições á crítica da metafísica. São Paulo: Editora Paco Editorial, 2018.
- DOSSE, F. **A saga dos intelectuais franceses 1944- 1989** Vol. I À prova da história (1944 - 1968). São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2021.
- DOSSE, F. **História do estruturalismo**. Vol. I O campo do signo, 1945-1966. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- KOREL, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.
- LUKÁCS, G. **Existencialismo ou marxismo?** São Paulo: Editora Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, 1979.
- MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular.
- MARX, K. **O Capital**: Livro I. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



MÉSÁROS. I. **O Desafio e o Fardo do tempo Histórico**. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**: São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PROMOÇÃO



APOIO

